

VELHOS BAIANOS

Em comemoração aos 50 anos de carreira de cada, Caetano e Gil voltam a dividir o mesmo palco numa série de shows históricos que começou na Holanda e chega agora ao Brasil

POR MARÍLLAKODIC FOTO FERNANDO YOUNG

DE TURBANTE NA CABEÇA, barbiga de fora e calça bufante de Aladdin, Caetano pavoneava graciosamente ao encontro de Gil – que, de tranças, pulava enérgico e pueril dentro de um collant branco com o símbolo brilhante de Xangô no peito. Havia um *je ne sais quoi* alquímico e fascinante nesse duo de pavão e arlequim, essa dupla visceral de superiorixá e sacerdote místico.

Se no começo da carreira, nos anos 60, já eram estelares, hoje Caetano e Gil têm status mítico comparável a raros artistas brasileiros. Nos últimos anos, no entanto, escassa era também a oportunidade de vê-los juntos no palco. O que não sucedia há mais de uma década, no entanto, teve o hiato rompido este ano, quando ambos finalmente decidiram sair em turnê conjunta. Agora, após terem sido recebidos por onze países da Europa, chegam à sua terra natal para aguardados shows em sete capitais. O pontapé inicial se dá em São Paulo, nos dias 21 e 22 deste mês de agosto. Depois vêm Curitiba (28/8), Porto Alegre (29/8), Belo Horizonte (26/9), Brasília (3/10) e Rio de Janeiro (16 e 17/10).

O intento da reunião é a comemoração do centenário – 50 anos para cada – de suas carreiras, que têm como marco zero a apresentação dos dois no show Arena Canta Bahia, em São Paulo, junto de Tom

Zé, Gal Costa e Maria Bethânia, em 1965, ano que também marca o lançamento de seus primeiros discos compactos. Do século que dividiram, é impiedosa a função de isolar apenas alguns de seus grandes momentos, tantos existiram entre glórias e exílios. O que se pode destacar sem hesitação, contudo, é a cumplicidade intacta do par.

Hoje, sentados à meia-luz, carregando seus violões e primaveras, não há traços notáveis do pandemônio multicolorido da alvorada. A urgência é calma, o corpo é cômodo. Há algo de sereno. Mas, quando o olhar de ambos se cruza, há algo de perene, que não pertence ao relógio. Há a mesma sublimidade de sempre, e uma espécie de beleza que transcende estéticas. Há, sobretudo, um amor espelhado.

“Tive muitos parceiros no palco. Que ninguém fique com ciúme, mas é dele que eu mais gosto”, disse Gil após a primeira apresentação da série, em Amsterdã, no fim de junho. “Eu é que gosto. Talvez mais”, retribuiu Caetano. Os shows são um presente de Caetano e Gil aos fãs. Mas, mais do que isso, parecem ser um presente de um ao outro. Pela amizade, pela história e pelo caminho. “Como se ter ido fosse necessário para voltar”, como cantam em “Back in Bahia”. Tanto mais vivos. E, principalmente, juntos.

NOITE PROFANA

A noite viscosa do verão de Barcelona foi brindada, em 13/07, no Gran Teatre del Liceu, com o show “Dois Amigos, Um Século de Música”. E num encontro criado para celebrar os 50 anos de carreira de cada, natural fazer uma retrospectiva desde a Tropicália, passando pelo exílio em Londres até composições mais recentes. O início, portanto, se deu acertado com “Back in Bahia”, composta em 1972 por Gil. Munidos de seus violões, os amigos desfilaram temas como “Terra”, “Eu Vim da Bahia” e “Filhos de Gandhi”. E ainda se mostraram dispostos a oferecer o que a audiência queria: voltaram quatro vezes ao palco, numa sequência que incluiu “Leãozinho”, “Expresso 2222” e “Palco”, como se Gil pedisse, com bom-humor: “Fora daqui, fora daqui!”. E todos voltaram pra casa, felizes. Noite histórica.

Ricardo Moreno, de Barcelona



Caetano e Gil: 50 anos de carreira comemorados no palco

MUSAS E MUSO QUE INSPIRARAM CAETANO E GIL



“TIGRESA”
ZEZÉ MOTTA

Apesar de compartilhado, o título de musa felina de Caetano pertence sobretudo a Zezé. “E isto está bem evidente nas unhas e na pele”, contou Caê numa entrevista.



“LEÃOZINHO”
DADI CARVALHO

O baixista, que havia feito parte dos Novos Baianos, despertou a imaginação de Caetano enquanto andava pela praia num dia de sol, em 1977. Ambos são do signo de Leão.



“TREM DAS CORES”
SÔNIA BRAGA

Eternizada no papel de Gabriela, a atriz foi a musa de Caetano numa viagem romântica de trem do Rio a São Paulo – um namoro rápido no final dos anos 70 e que foi imortalizado com esta canção.



“DRÃO”
SANDRA GADELHA

Embora Gil e Caetano a chamassem de Drinha, Sandra ganhou o apelido Drão de Maria Bethânia, e o nome se popularizou na música de Gil, com quem foi casada por 11 anos.



“FLORA”
FLORA GIL

A música foi uma cantada literal de Gil à Flora, então com 19 anos, em 1979. Deu certo: os dois são casados há 35 anos. “O que eu cantava não era só uma pessoa, mas toda uma vida com ela”.



“CANÔ”
CLAUDIONOR VELLOSO

Além de ser mãe de Caetano e Bethânia, é uma das musas de Gil. E o músico gravou essa canção em homenagem ao seu aniversário de 100 anos, em 2007, 5 anos antes de ela falecer.

FOTOS DIVULGAÇÃO